

REDE CONTESTADO DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA 2

Eduardo do Nascimento
(Organizador)



REDE CONTESTADO DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA 2

Eduardo do Nascimento
(Organizador)



Editora chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes editoriais

Natalia Oliveira

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto gráfico

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremo

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da capa

iStock

Edição de arte

Luiza Alves Batista

Revisão

Os autores

2021 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2021 Os autores

Copyright da Edição © 2021 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Profª Drª Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Arnaldo Oliveira Souza Júnior – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Prof. Dr. Humberto Costa – Universidade Federal do Paraná
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. José Luis Montesillo-Cedillo – Universidad Autónoma del Estado de México
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Miguel Rodrigues Netto – Universidade do Estado de Mato Grosso
Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof. Dr. Arinaldo Pereira da Silva – Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Jayme Augusto Peres – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Daniela Reis Joaquim de Freitas – Universidade Federal do Piauí
Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Elizabeth Cordeiro Fernandes – Faculdade Integrada Medicina
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Fernanda Miguel de Andrade – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Dr. Fernando Mendes – Instituto Politécnico de Coimbra – Escola Superior de Saúde de Coimbra
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Vanessa da Fontoura Custódio Monteiro – Universidade do Vale do Sapucaí
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Welma Emidio da Silva – Universidade Federal Rural de Pernambuco

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Profª Drª Ana Grasielle Dionísio Corrêa – Universidade Presbiteriana Mackenzie
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Cleiseano Emanuel da Silva Paniagua – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Marco Aurélio Kistemann Junior – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Priscila Tessmer Scaglioni – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Sidney Gonçalves de Lima – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Edna Alencar da Silva Rivera – Instituto Federal de São Paulo
Profª Drª Fernanda Tonelli – Instituto Federal de São Paulo,
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Rede contestado de educação, ciência e tecnologia 2

Diagramação: Camila Alves de Cremo
Correção: Maiara Ferreira
Indexação: Gabriel Motomu Teshima
Revisão: Os autores
Organizador: Eduardo do Nascimento

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

R314 Rede contestado de educação, ciência e tecnologia 2 /
Organizador Eduardo do Nascimento. – Ponta Grossa -
PR: Atena, 2021.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5983-375-7

DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.757210508>

1. Educação. 2. Ciência e Tecnologia. I. Nascimento,
Eduardo do (Organizador). II. Título.

CDD 370

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.

DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, desta forma não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
A FORMAÇÃO DA COLÔNIA DE RIO DAS ANTAS E A GUERRA DO CONTESTADO (1911-1916)	
Márcia Janete Espig	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.7572105081	
CAPÍTULO 2	12
A INCLUSÃO DIGITAL DE IDOSOS NA REGIÃO DO CONTESTADO	
Mônica Grandó	
Jane Suzete Valter	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.7572105082	
CAPÍTULO 3	24
A PEDAGOGIA PRÁTICA DE JOÃO MARIA DE AGOSTINI	
Cleber Duarte Coelho	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.7572105083	
CAPÍTULO 4	33
A PERSPECTIVA DE UMA PROFESSORA DA EPT NÃO LICENCIADA SOBRE A FORMAÇÃO DOCENTE	
Emanuelle Alves de Medeiros	
Eduardo do Nascimento	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.7572105084	
CAPÍTULO 5	44
COMPARAÇÃO ENTRE DOIS MÉTODOS DE MAPEAMENTO DA VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER EM UNIÃO DA VITÓRIA/PR	
Cléria Maria de Melo	
Bruna Aparecida Alves da Silva	
Mariane Félix da Rocha	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.7572105085	
CAPÍTULO 6	56
CONSERVAÇÃO, INSERÇÃO E EXPANSÃO DE ABELHAS NATIVAS SEM FERRÃO NA APP E NO ENTORNO DO IFSC CÂMPUS JARAGUÁ DO SUL-RAU	
Anderson José Antonietti	
Mário Cesar Sedrez	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.7572105086	
CAPÍTULO 7	69
CORES E FRAGMENTOS NO MOSAICO ARTÍSTICO DO CONTESTADO	
Rita Inês Petrykowski Peixe	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.7572105087	

CAPÍTULO 8	82
CULTURA E TECNOLOGIA NA REGIÃO DO CONSTESTADO: PERFIL DOS PARTICIPANTES DO PROJETO GRUPO DE DANÇA GAÚCHA DO INSTITUTO FEDERAL CATARINENSE CÂMPUS VIDEIRA	
Leila Lisiane Rossi	
Bruno Pergher	
Angela Maria Crotti da Rosa	
Lizete Camara Hubler	
Maurício Natanael Ferreira	
Luiz Gustavo Moro Senko	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.7572105088	
CAPÍTULO 9	91
DISPUTAS PELA MEMÓRIA DO TERRITÓRIO CONTESTADO: UM MAPEAMENTO DE PRESERVAÇÃO DA CULTURA CABOCLA	
João Felipe Alves de Moraes	
Diego Gudas	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.7572105089	
CAPÍTULO 10	103
ELEMENTOS PARA A PRÁTICA EXTENSIONISTA COMO INSTRUMENTO DE REDUÇÃO DAS DESIGUALDADES NO CONTEXTO INTERIORANO BRASILEIRO	
William Douglas Gomes Peres	
Letíssia Crestani	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.75721050810	
CAPÍTULO 11	115
ESTUDO DO USO DE DETERGENTE NO CONCRETO NA REGIÃO OESTE CATARINENSE	
Simone Aparecida da Silva Souza	
Débora Fátima Alberici	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.75721050811	
CAPÍTULO 12	126
ESTUFA PARA CULTIVO DE PLANTAS UTILIZANDO ILUMINAÇÃO ARTIFICIAL LED: MONITORANDO GRANDEZAS ELÉTRICAS E AMBIENTAIS ATRAVÉS DE UM APLICATIVO PARA INTERNET DAS COISAS	
Cláudio Eduardo Justin de Freitas	
Lucas José da Rosa	
Yuri Matheus Scheuer	
Anna Baasch Raizer	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.75721050812	
CAPÍTULO 13	139
IMIGRAÇÃO HAITIANA NA MICRORREGIÃO DE CONCÓRDIA: ASSOCIAÇÃO COMO FORMA DE RESISTÊNCIA	
Jordan Brasil dos Santos	

Jonathan Viana da Silva
Leon Mclouis Borges de Lucas

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.75721050813>

CAPÍTULO 14..... 151

INQUÉRITOS FORJADOS NO FIO DA DEGOLA: MAURICIO DE LACERDA E O DEBATE NACIONAL ACERCA DO CONTESTADO

Viviani Poyer

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.75721050814>

CAPÍTULO 15..... 164

JOGOS PEDAGÓGICOS COMO FERRAMENTA DE ENSINO PARA ALUNOS COM TEA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Mariquiel dos Santos

Claudio Adão da Rosa

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.75721050815>

CAPÍTULO 16..... 174

MEMÓRIA REDIMIDA: O PROCESSO DA CONSTRUÇÃO DO MONGE JOSÉ MARIA COMO PERSONAGEM DE RPG

Christian Yuri Machowski

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.75721050816>

CAPÍTULO 17..... 184

O NOVO VALE DOS IMIGRANTES: O CONFLITO ENTRE ECONOMIA E CULTURA

Alexandre Lima de Oliveira

Francine Soares de Almeida

Karen Wessler Jung

Daniel Granada da Silva Ferreira

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.75721050817>

CAPÍTULO 18..... 192

O PATRIMÔNIO CULTURAL E INDUSTRIAL PRESENTE NO MUSEU HISTÓRICO E ANTROPOLÓGICO DA REGIÃO DO CONTESTADO

Lara Lima Felisberto

Merilena Alves de Lima Bueno

Juliana Aparecida Biasi

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.75721050818>

CAPÍTULO 19..... 205

OS HABITANTES DA GUERRA DO CONTESTADO (1912 – 1916): UMA ANÁLISE SOBRE O USO DO TERMO “CABOCLO” NA LITERATURA SOBRE O CONFLITO

Nathan Marcos Buba

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.75721050819>

CAPÍTULO 20.....218

PERFIL SÓCIOECONÔMICO E CONDIÇÕES DE TRABALHO DOS CATADORES DE RESÍDUOS SÓLIDOS URBANOS NAS UNIDADES DE TRIAGEM DO MUNICÍPIO DE JOAÇABA

Mariana da Silva Barreto
Eduarda de Magalhães Dias Frinhani
Renata Fornari

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.75721050820>

CAPÍTULO 21.....231

PROCESSO DE INTEGRAÇÃO DE REFUGIADOS E IMIGRANTES: A EXPERIÊNCIA DO INSTITUTO FEDERAL DE SANTA CATARINA CÂMPUS CAÇADOR

Bianca Gonçalves Sousa de Moraes
David Ferreira Severo
Diogo Moreno Pereira Carvalho
Marta Ferreira da Silva Severo
Mayara Tsuchida Zanfra
Patricia Frangelli Bugallo Lopes do Nascimento

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.75721050821>

CAPÍTULO 22.....243

PROTAGONISMO DISCENTE NA EDUCAÇÃO INFANTIL: UMA OPORTUNIDADE PARA A DESCOBERTA DA AUTONOMIA

Ana Claudia Viero
Patricia Frangelli Bugallo Lopes do Nascimento
Eduardo do Nascimento Karasinski

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.75721050822>

CAPÍTULO 23.....253

SALTOS DA HISTÓRIA: PERMANÊNCIAS DO CONTESTADO EM GODOFREDO DE OLIVEIRA NETO

Natan Schmitz Kremer
Alexandre Fernandez Vaz

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.75721050823>

CAPÍTULO 24.....265

SIMBOLOGIA CEMITERIAL NO CONTESTADO: LINGUAGEM, ARTE E RELIGIOSIDADE PROPOSITIVAS TEÓRICAS

Alcimara Aparecida Föetsch

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.75721050824>

CAPÍTULO 25.....277

SUCESO DA ATER EM ASSENTAMENTOS DE REFORMA AGRÁRIA NA REGIÃO DO CONTESTADO EM SANTA CATARINA: CONSTRUÇÃO DE UMA POLÍTICA PÚBLICA A PARTIR DE UMA REDE DE ATORES

José Antônio Louzada
Guilherme Radomsky

Marcelo Antônio Conterato

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.75721050825>

CAPÍTULO 26.....289

TERRITORIALIDADE CABOCLA E DESENVOLVIMENTO NA PERSPECTIVA DA JUSTIÇA SOCIOAMBIENTAL

Gabriela Haswany de Almeida

Katya Regina Isaguirre-Torres

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.75721050826>

CAPÍTULO 27.....300

TERRITÓRIO E TENSÕES DE TERRITORIALIDADES: UM DEBATE SOBRE O PROCESSO DE FORMAÇÃO TERRITORIAL DO CONTESTADO

Marcia Chmura

Diane Daniela Gemelli

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.75721050827>

CAPÍTULO 28.....314

VIOLÊNCIA CONTRA MULHERES: O RETRATO DE UMA REALIDADE A SER ENFRENTADA

Andrea Alves Cavalet

Hillevi Maribel Haymussi

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.75721050828>

SOBRE O ORGANIZADOR.....326

A PEDAGOGIA PRÁTICA DE JOÃO MARIA DE AGOSTINI

Data de aceite: 23/07/2021

Cleber Duarte Coelho

Professor do Departamento de Metodologia de Ensino, Universidade Federal de Santa Catarina UFSC
Florianópolis

RESUMO: Pretende-se neste trabalho analisar o itinerário teológico, religioso e existencial desenvolvido por João Maria de Agostini. Considerado monge por onde transitava, Agostini foi peregrino pelos países da América no século XIX, teve forte influência na tradição religiosa cabocla no contexto que antecedeu a Guerra do Contestado. Seus ensinamentos remetem à tradição ascética e peregrina dos padres do deserto, em especial Santo Antão, por quem Agostini alimentava profunda devoção. Objetiva-se neste trabalho demonstrar como Agostini fez de seus princípios teológicos, religiosos e filosóficos um modo de vida, um modo de ser e agir no mundo, uma pedagogia do exemplo. Deste modo, este trabalho propõe um diálogo interdisciplinar entre História e Filosofia, enfatizando a eminente influência deste peregrino italiano na fé, religiosidade e devoção dos caboclos da região contestada.

PALAVRAS-CHAVE: Religiosidade, Agostini, Monge, Pedagogia.

1 | INTRODUÇÃO

Objetiva-se neste trabalho analisar

o itinerário teológico, religioso e existencial desenvolvido por João Maria de Agostini, numa tentativa de demonstrar que este peregrino italiano conduziu sua existência de acordo com uma filosofia prática, uma teologia filosófica que se exercia como um modo de ser no mundo. Agostini, dito monge, peregrino pelos países da América no século XIX, teve forte influência na tradição religiosa cabocla no contexto que antecedeu a Guerra do Contestado. Pretende-se aqui apontar alguns dos principais eventos que marcaram o caminho vivenciado por Agostini, sobretudo em sua peregrinação pela região Sul do Brasil, que influenciou fortemente o imaginário religioso do povo caboclo que habitava a região posteriormente contestada. Objetiva-se também apontar como os princípios teológicos, religiosos e filosóficos inerentes a Agostini fizeram dele um peregrino pedagogo, porque ensinava não somente através de suas palavras, mas também e, sobretudo, pelo seu exemplo. Assim, o itinerário aqui traçado objetiva demonstrar que Agostini, embora exercesse um ministério leigo, impunha à própria vida uma espécie de sacerdócio que educava pelas palavras e pela ação: uma pedagogia prática.

O caminho trilhado por Agostini na região contestada envolve o culto a Santo Antão (251 – 356), que viveu numa época denominada na História da Filosofia como período Patrístico. *Grosso modo*, podemos afirmar que as filosofias da Antiguidade (usamos aqui o termo nos

referindo aos gregos e primeiros séculos do cristianismo) tinham em grande parte um caráter prático, uma teoria que estava intrinsecamente ligada a um modo de vida e vice-versa. E Agostini bebeu neste testemunho dado por Santo Antão à posteridade: consagrou sua vida à busca da elevação moral e dos exercícios espirituais que envolviam suas peregrinações, seu ascetismo, a busca do cume das montanhas para refúgio, o exemplo vivo de um cristianismo prático.

21 O PEREGRINO JOÃO MARIA DE AGOSTINI

Antes de dissertarmos sobre quem foi João Maria de Agostini, precisamos aqui especificar que todo o nosso esforço visa demonstrar que não havia dicotomia entre pensamento e vida na trajetória deste peregrino. Não intencionamos apresentar uma ordem cronológica que dê conta da complexa vida deste personagem histórico. Nosso intento consiste em apontar como Agostini, na condição de devoto do Abade Antão, imprimiu à própria existência a encarnação de princípios religiosos, teológicos e filosóficos que conduziram sua vida prática, seu caráter.

João Maria de Agostini (1801 – 1869), natural de Piemonte na Itália, como nos aponta Karsburg (2014, p. 404) almejou ao sacerdócio em sua mocidade. Uma deficiência na mão esquerda o impediu de ordenar-se, como atesta Karsburg:

Antes de fazer votos de eremita e se tornar seguidor de Santo Antão, Agostini, de acordo com seus papéis, almejou o sacerdócio, no caso ser monge cartuxo e trapista, tentativa essa que aconteceu na Espanha no início da década de 1830. No entanto, em que pese a não adaptação à vida de recluso, Agostini tinha um “defeito físico” na mão esquerda que o impedia de ser ordenado, pois as regras da Igreja Católica, desde Trento (1545-1563), talvez antes, colocavam empecilhos a alguém com deformidades físicas aparentes que causassem escândalo ou nojo a quem as visse (KARSBURG, 2014, p.404).

João Maria de Agostini mesmo tendo sua ordenação não aprovada pela Igreja, anos depois saiu da Europa, como peregrino, para nunca mais voltar. Exercia um ministério leigo, embora tenha sido denominado monge pelo imaginário popular nos lugares onde peregrinou. Não era, portanto, sacerdote ou monge peregrino a serviço de alguma ordem religiosa. Este aparente detalhe foi divisor de águas na vida do peregrino Agostini, pois deu a ele maior autonomia para se guiar conforme seus próprios princípios e mudar de sítio conforme lhe determinava sua própria consciência. Conhecido como o primeiro monge João Maria que peregrinou pela região contestada, Agostini usava vestimentas que lhe assemelhavam a um religioso ordenado (talvez propositalmente) e “tinha uma relação bastante próxima com a estrutura oficial da Igreja Católica” (MACHADO, 2004, p. 164). Esta boa relação com a estrutura da Igreja oficial certamente foi bastante importante para a trajetória de Agostini no Brasil, pois um estrangeiro autodenominado “solitário eremita”, que fazia pregações por onde passava e atraía devoção em seu entorno, poderia representar

perigo à ordem estatal oficial. Neste sentido, Agostini parecia compreender bem a importância de manter uma boa relação com o poder instituído, seja ele o Estado ou a própria Igreja, mas sempre para poder dar continuidade à sua tarefa escolhida. Evidencia-se que o peregrino italiano demonstrava também ter uma espécie de prudência prática na conduta para propagar seus ensinamentos.

Agostini chega ao Brasil em 1843, após ter passado por Caracas na Venezuela, em 1838. “Entre grutas, cavernas e montanhas, ele esteve em vilas e povoados da Colômbia, do Equador e do Peru, antes de iniciar a travessia amazônica em território brasileiro” (KARSBURG, 2014, p. 111). Alexandre Karsburg também atesta que o peregrino “entra na Amazônia brasileira por Tabatinga, uma pequena aldeia na divisa entre Brasil, Peru e Colômbia” (KARSBURG, 2014, p. 112). O peregrino italiano passou por Belém do Pará, onde embarcou num navio rumo ao Rio de Janeiro. Após permanecer cerca de quatro meses na então capital do Império, se dirige ao interior paulista, “chegando a Sorocaba em 24 de dezembro de 1844” (KARSBURG, 2014, p. 126).

Esta chegada de Agostini a Sorocaba é de extrema importância no que se refere à fonte documental. Nesta cidade o peregrino registra sua chegada em cartório, diz ter a profissão de “solitário eremita”, e atesta-se a deficiência que o viajante oriundo da Europa possuía na mão esquerda. Vejamos o que consta neste documento:

Frei João Maria d'Agostinho, natural de Piemonte, Itália, idade 43 anos, solteiro, profissão de solitário Eremita, vindo para exercer o seu Ministério. Declarou residir nas matas do Termo desta cidade, muito principalmente na do Morro da Fábrica de ferro de Ipanema, e ter chegado no dia 24 de dezembro de 1844. Veio do Rio de Janeiro, onde chegou do Pará no Vapor Imperatriz a 19 do mês de Agosto do presente anno de 1844: apresentou um documento que fica arquivado neste Cartório: e para constar lavrei este termo d'apresentação que assigno como o apresentado, eu Procópio Luiz Leitão Freire, Escrivão Serventuário o escrevi e assigno. (Livro de Registros de Estrangeiros, folha 18, 1842 – 1865, Apresentação de Estrangeiros – Delegacia, Sorocaba – SP *apud* KARSBURG, 2014, p. 139)

O documento foi assinado pelo escrivão e pelo próprio Agostini. Karsburg (2014, p. 139 – 140) atesta que à margem esquerda do termo de apresentação, constam descrições físicas do autodeclarado solitário eremita: “Estatura baixa, Cor clara, Cabelos grisalhos, Olhos pardos, Nariz regular, Boca dita (regular), Barba cerrada, Rosto comprido, Sinais particulares: Aleijado dos três dedos da mão esquerda”.

O fato de João Maria de Agostini declarar que possui profissão de solitário eremita é bastante importante para tentarmos traçar um itinerário teológico vivenciado, não apenas teoricamente, mas fundamentalmente, de modo prático, pelo andarilho vindo da Europa. A vocação para a vida religiosa evidentemente surgiu muito cedo para o devoto de Santo Antônio. Como já vimos acima, Agostini teve contato com a ordem dos Cartuxos e dos Trapistas na Espanha, enquanto ainda vivia em continente europeu. É importante destacar que ambas as ordens possuem características voltadas para o recolhimento, silêncio, e

abnegação do mundo. Teria sido por mero acaso que Agostini tenha buscado justamente estas ordens? Acreditamos que não. Se a ordenação ao sacerdócio foi negada a Agostini muito provavelmente por conta de seus aleijões nos dedos da mão esquerda, sua índole eremítica e andarilha não lhe foi tirada, e este peregrino demonstrou tantas vezes ser devoto de Santo Antão. Mesmo não sendo ordenado sacerdote, Agostini fez de sua existência um sacerdócio e um testemunho prático de alguém que imprimia à própria existência a vivência conforme os princípios religiosos, teológicos e filosóficos aos quais acreditava: modo de vida simples, difusão do evangelho e devoção a Santo Antão, peregrinação penitente, a vida nos ermos das montanhas: nunca se demorando entre as gentes. Desde que saiu da Europa Agostini viveu assim, por décadas, fiel incansável aos seus propósitos. A coerência encontrada no itinerário traçado por Agostini demonstra que o peregrino viveu fiel às próprias crenças. Imprimindo em seu cotidiano a experiência de viver fazendo dos princípios teóricos uma pedagogia prática, o devoto de Antão ensinava pelo exemplo.

Agostini lutou fortemente para difundir os ensinamentos de Antão Abade, sua imagem e seu culto, como ocorreu de modo bastante destacado no Campestre, em Santa Maria, no ano de 1848. Para termos noção precisa do tamanho da devoção que Agostini tinha por Santo Antão, convém evidenciar que o eremita muito provavelmente atravessou grande parte do território do Rio Grande do Sul caminhando, em 1848, para ter acesso a uma imagem de Antão e poder alocá-la numa capela erguida no Campestre. Agostini, como se evidencia, não queria devoção a si, mas àquele que seguia e considerava verdadeiramente santo. Afirma Paulo Pinheiro Machado:

O padre Thomé Luís de Souza, em Porto Alegre (vigário-geral do Rio Grande do Sul, subordinado ao bispo do Rio de Janeiro), autorizou João Maria de Agostinho a retirar uma imagem de santo Antão das antigas missões jesuíticas e levá-la à capela que o mesmo monge erguera em homenagem a este santo no cerro do Campestre, próximo a Santa Maria em 1848 (MACHADO, 2004, p. 165).

É neste cerro do Campestre que Agostini, “com a ajuda de moradores, ergueu uma ermida para colocar nela a imagem de Santo Antão Abade” (KARSBURG, 2014, p 20). Agostini era estrangeiro e suas pregações, bem como sua descoberta das águas que passaram a ser consideradas santas pelo suposto poder curativo que tinham, atraíram pessoas para a localidade, que visavam buscar estas águas santas para encontrarem a cura para suas enfermidades. Água, fonte de vida, estas fontes que não secavam, colocaram ainda mais em evidência o devoto de Antão. O monge, como já enfatizamos, não objetivava autopromoção ou reconhecimento, não se corrompeu com a lisonja. Sua intenção era fundar o culto ao seu santo de devoção, Antão do deserto. As águas santas, no entanto, atraíram imensa quantidade de pessoas, o que gerou desconfiança por parte do poder constituído em relação ao eremita que, aos olhos do Estado, estava promovendo ajuntamentos (algo muito perigoso na época, para os poderes públicos, em função de

possíveis rebeliões populares) e, possivelmente, difundindo falsas curas.

Diante dos rumores acerca das aglomerações, ajuntamentos e supostas curas promovidas pelas “águas santas do monge” no Campestre e no Botucaraí (localidades distantes cerca de cem quilômetros), Agostini passa a ser vigiado pelas autoridades locais. Havia receio estatal de que o peregrino fosse um religioso farsante, um espião estrangeiro. Devoção e centenas de pessoas aglomeradas ao redor de um suposto monge tido como milagreiro não era algo prudente aos olhos do general Francisco José de Souza Soares Andréa, então presidente da província gaúcha. Deste modo, Agostini tem sua liberdade restrita em outubro de 1848. Karsburg detalha o ocorrido:

Ao ser “detido” no dia 17 de outubro de 1848 no cerro Botucaraí, por ordens do chefe de polícia da província – tarefa executada pelo delegado local e alguns soldados (talvez Guarda Nacional, já que o cerro ficava próximo a quilombos que se procurava exterminar) –, o *monge* foi escoltado até a vila de Rio Pardo, pois dali tomaria o vapor para Porto Alegre. Embarcou para a capital e lá chegou dia 21 de outubro de 1848, sendo colocado nas dependências do quartel do Corpo Policial, aguardando ser interrogado pelo presidente da província (KARSBURG, 2014, p. 69).

O presidente da província percebe que o eremita não é um espião, “mas o considerou um “impostor religioso”, talvez por não ter ordens sacras nem pertencer a qualquer comunidade monástica” (KARSBURG, 2014, p.70). Agostini, como já vimos, exercia um ministério leigo, sempre é importante lembrar. Não seria muito prudente manter este líder considerado milagreiro e ajuntador de devotos em sua província, e o general Andréas decide enviar Agostini para Santa Catarina, com ordens expressas de não regressar ao Rio Grande do Sul. Apresentaremos aqui, de modo reduzido, a trajetória de Agostini em território brasileiro a partir disso: o eremita chega na cidade de Desterro em Dezembro de 1848. Seguindo seu espírito eremítico, solicita às autoridades locais poder ficar isolado na ilha do Arvoredo e tem seu pedido atendido. Permanece na ilha por volta de quatro meses, onde pescadores de comunidades locais o visitam e o reverenciam. Agostini, no entanto, não queria reverência para si, e isso é demonstrado ao longo de sua trajetória. Em maio de 1849 recebe o aval de autoridades locais e um passaporte: dirige-se num vapor para a cidade do Rio de Janeiro, onde lá travou contato com D. Pedro II. Buscou abrigo na Serra dos Órgãos em Petrópolis. Alexandre Karsburg indica que é provável que Agostini tenha tomado o caminho do interior paulista após deixar o Rio de Janeiro ao final de 1849, “vivendo nos sertões meridionais do Brasil – passando por lugares que já conhecia, como Sorocaba, Castro, Lapa e região oeste do Paraná e Santa Catarina – até decidir entrar no Paraguai” (KARSBURG, 2014, p 298.). Como não tinha documentos para permanência no Paraguai, o eremita retorna ao Brasil em busca de um passaporte. No natal de 1851 estava em São Borja, e caminha até Porto Alegre “em aproximadamente quarenta dias” (KARSBURG, 2014, p. 302). Quando consegue seu passaporte na capital dos gaúchos, Agostini faz o caminho inverso, com ordens de se retirar do Rio Grande do Sul no prazo

máximo de trinta dias (uma vez que em 1848 foi enviado para Desterro com ordens expressas de jamais regressar). Em novembro de 1852 Agostini deixa o território brasileiro para jamais regressar. É possível mapear o itinerário percorrido pelo peregrino italiano sem estar imbuído de um misto de espanto e admiração? Por quantas, cidades, povoados e vilas Agostini passou, dando testemunho prático de sua fé cristã e devoção a Santo Antão? Quantas centenas de quilômetros este homem, dito monge, caminhou com suas próprias pernas para dar testemunho vivo de sua fé, mostrando através de seu exemplo quais valores um cristão deve buscar exercer em sua vida? Não por acaso, Agostini possui devotos nos três estados do sul deste Brasil continental, mesmo tendo peregrinado pelo Brasil há mais de cento e cinquenta anos. A devoção a Agostini é encontrada inclusive dentro da própria estrutura da Igreja oficial, pois em algumas localidades do Contestado encontramos referência ao *monge*, como é o caso da capela Nossa Senhora Aparecida, no Distrito de Herciliópolis (município de Água Doce – SC). Nesta capela, há uma torneira e uma placa ao lado (de quê?) com os seguintes dizeres: “Água do profeta João Maria. Passou neste lugar em 1850”. Na placa consta o nome do pároco e do Bispo diocesano. Há também um quadro com uma imagem representando o peregrino italiano. É uma prova viva de que em algumas comunidades a própria Igreja oficial acolhe e introduz esta devoção a Agostini como parte do culto local.

Após sair do Brasil, Agostini percorre vários países, grande parte deste trajeto feito como eremita andarilho. Podemos afirmar categoricamente que o peregrino caminhou milhares de quilômetros ao longo de sua vida, incluindo lugares ermos, montanhosos e inóspitos. Agostini, após deixar o território brasileiro, passou pelo Paraguai, Argentina, Chile, Bolívia, Peru, Panamá, Guatemala, México, Cuba, Canadá e Estados Unidos. Em todos esses países exerceu seu ministério de eremita andarilho e pregador. A exceção foi o Canadá, em 1862, onde o poliglota Agostini esbarrou na barreira da língua, e sofreu em demasia: “a verdade é que o homem que dominava várias línguas, impressionando seus interlocutores, experimentou, da pior maneira, o distanciamento do idioma. Foi tratado com indiferença pelos canadenses, que não conseguiram compreendê-lo, fazendo-o se sentir um mendigo” (KARSBURG, 2014, p. 386). Do Canadá Agostini regressa aos Estados Unidos, onde tem sua vida abruptamente interrompida por assassinato, em abril de 1869, no Estado do Novo México. Após deixar sua terra natal, o peregrino eremita jamais regressou ao seu país de origem, portanto.

O legado de Agostini no Brasil é inegável. Cultuado como santo popular em diversas comunidades do interior dos Estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná, inaugurou uma tradição vinculada à fé nos “monges do Contestado”. A tradição que inaugurou no Campestre do culto a Santo Antão Abade é divisora de águas para a localidade, pois “é um importante ponto de peregrinações até os dias atuais” (LINO, 2012, p. 356).

Parece-nos que Agostini viu em Antão Abade alguém em quem poderia se espelhar

para manter-se fiel aos seus propósitos. Podemos inferir, com tranquilidade, que João Maria de Agostini leu minuciosamente a *Vida de Santo Antão*, escrita por Santo Atanásio, pois o Abade era seu santo de devoção. O mais importante a ser ressaltado aqui é que Antão Abade foi um exemplo de virtude a fez da própria vida um exemplo daquilo que defendia, uma vida de oração, renúncia e ascetismo:

Só comia uma vez por dia, depois que o sol se havia posto, ou de dois em dois dias, e tinha como todo alimento pão e sal, e como bebida, água. Quando queria repousar um pouco, tinha como leito uma esteira de junco e um cilício, mas, no mais das vezes, deitava-se sobre a terra nua. (LACARRIÈRE, 1975, p. 59)

O ideal ascético e a vida peregrina se constituíram para Agostini, conjuntamente, princípios religiosos, teológicos e filosóficos. Pensamento e vida se articulavam nas caminhadas por tantas léguas diárias, vida simples, alimentação frugal, pedagogia prática, pedagogia do exemplo. Nesse sentido, podemos afirmar que Agostini, assim como Antão, fez de sua própria vida o testemunho maior de seus princípios religiosos, teológicos e filosóficos.

3 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo objetivou demonstrar que João Maria de Agostini conduziu sua vida pautado numa completa junção entre teoria e prática, fazendo de suas convicções religiosas, filosóficas e teológicas um modo de vida, um modo de ser no mundo. Agostini encarnou um ideal de santidade que recusava os valores dominantes da época – poder, cargos, riqueza, dinheiro, vida cidadina, para se refugiar na solidão e levar vida totalmente religiosa, consagrada à penitência e à oração. Viveu até o fim de seus dias deste modo. Inspirado em Santo Antão Abade, o peregrino italiano guiou sua vida pautado em valores e práticas tais como: solidão voluntária, a vida no ermo das montanhas e cavernas, exercícios espirituais (oração, frugalidade, penitência) buscando a conexão constante com o divino. Agostini demonstrou incômodo quando foi exaltado, retirando-se em sua escolha eremítica. Buscou a antítese do sepulcro caído: não objetivava viver bem ornamentado por fora. Antes, buscava internamente o alimento espiritual e partilhava sua simplicidade e sua devoção por onde peregrinava. Seu ministério se constituía numa pedagogia prática, uma pedagogia do exemplo.

Em sua trajetória escolhida, cumprindo sua profissão de solitário eremita, o peregrino italiano fabricava o próprio artesanato e o vendia para comprar provisões, aproveitando para difundir e evangelho e os ensinamentos antoninos entre as pessoas. Agostini vivenciava sua religiosidade atrelada ao modo de vida eremítico e andarilho. Karsburg atesta que, ao longo de sua trajetória, o peregrino italiano num único momento hesitou (KARSBURG, 2014, p. 374) “entre ser peregrino ou ordenar-se padre, conforme convite de um bispo chileno, Dom

Justo Donoso, que em 1854 convida Agostini a deixar os votos de viver solitariamente e se tornar-se sacerdote”. Como todo homem de caráter elevado e fiel às próprias convicções íntimas, Agostini agradece a proposta e segue seu caminho, percorrendo novas andanças e pregações itinerantes.

É extremamente importante ressaltarmos que, embora João Maria de Agostini (1801 – 1869) não tenha tido uma relação direta com a Guerra do Contestado, pois não viveu no tempo histórico da guerra, podemos dizer que ele teve uma forte influência sobre a mesma, pois fundou aquilo que Tânia Welter chama de tradição joanina: “a afirmação a respeito de sua simplicidade vem geralmente acompanhada de uma autoidentificação: “era simples, como nós”” (WELTER, 2018, p. 97). Este é o ponto central deste singelo artigo: o modo de vida e o exemplo cotidiano apresentado pelo peregrino italiano falaram mais ao coração do povo caboclo que o catolicismo oficial que algumas décadas depois tentou se instalar entre estas pessoas. Agostini, ao percorrer o caminho dos tropeiros, deixou seus ensinamentos no imaginário popular. A religiosidade vivenciada pelos caboclos, imbuída de simbolismos sincréticos, atenta aos sinais da natureza e alicerçada na simplicidade de um povo oprimido e expropriado, pouca relação tinha com o catolicismo oficial que tentava se impor. “A solidariedade e os compromissos coletivos, valores fundamentais dos modos de vida dos caboclos, encontram inspiração numa ética própria do catolicismo popular, do qual o monge é uma referência importante” (MARCON, 2008, p. 152). Além de uma referência importante, este homem que exercia um ministério leigo tornou-se educador no sentido mais profundo do termo. Pedagogo prático, que ensinou pelo exemplo, Agostini não transita pelo cânone dos filósofos estudados pela academia, porque sua obra não habita as bibliotecas. Sua obra habita o imaginário daqueles que conhecem suas façanhas pela oralidade dos ancestrais, das fontes curativas, deste que se tornou santo popular por ser simples como os mais simples, santo pela conduta, pedagogo pela prática e pelo exemplo.

Não estranharemos se pesquisadores da área de Filosofia questionarem o diálogo aqui buscado entre História e Filosofia. É necessário lembrar, no entanto, que santo Antão é conhecido fundamentalmente pela obra de Santo Atanásio (*Vida de Santo Antão*), que se encontra numa famosa coleção de Estudos Patrísticos aqui no Brasil. Embora o abade Antão tenha sido constantemente aqui referenciado, nosso objetivo fundamental esteve ligado ao imaginário teológico, religioso e filosófico de Agostini, que tinha o abade Antão como santo de devoção. Por conta disso, ousamos dizer que a Filosofia não está somente na academia, muito menos existe apenas nos gabinetes. Como questiona João Lupi: “Será que não nos acostumamos a limitar demais o conceito de Filosofia, e, junto com esse limite, não restringimos demais a ideia de modernidade?” (LUPI, 2014, p. 14). Agostini objetivou fazer da sabedoria a provisão para a viagem, eis o que concluímos. Conquistou respeito e devoção não só pelas palavras que proferia, mas pelo exemplo que transmitia, pela pedagogia silenciosa de seu agir, que ensinava muito mais pelas ações que pelo discurso. A Filosofia, por séculos, também se construiu deste modo.

Percorrer um itinerário quase que inimaginável pelo Brasil e por tantos países das três Américas, grande parte com as próprias pernas, como pregador itinerante, faz de Agostini um personagem excepcional. Um homem que cumpriu sua vida fazendo da penitência, da vida simples e devota um exercício cotidiano, difundindo o evangelho e os ensinamentos de Antão. Um peregrino italiano que, deixando a Europa no século XIX, é até hoje cultuado pelo povo caboclo da região contestada como um santo em função de sua simplicidade e seu modo de vida. Um homem que conseguiu unir princípios filosóficos e teológicos ao seu modo de ser e agir no mundo, ensinando, acima de tudo, pelo seu exemplo. A religiosidade foi também uma pedagogia prática na vida de João Maria de Agostini.

REFERÊNCIAS

ATANÁSIO, S. **Vida e conduta de Santo Antão**. Tradução: Orlando Tiago Loja Rodrigues Mendes. 2 ed. São Paulo: Paulus, 2010.

KARSBURG, A. **O eremita das Américas: A odisseia de um peregrino italiano no século XIX**. Santa Maria: Ed. UFSM, 2014.

LACARRIÈRE, J. **Padres do deserto: Homens embriagados de Deus**. Trad. Marcos Bagno. São Paulo: Ed. Loyola, 1975.

LUPI, J. Prefácio. In: COELHO, C. D. **O homem, o bem e a felicidade na Consolação de Boécio**. Curitiba: Ed. CRV: 2014.

LINO, J. T. Monges sacralizando a paisagem: grutas, fontes d'água e outras formações naturais no viés da arqueologia do sagrado. In: VALENTINI, D. J.; ESPIG, M. J.; MACHADO, P.P. (Orgs.) **Nem fanáticos, nem jagunços: reflexões sobre o Contestado**. Pelotas: Ed. Ufpel, 2012. pp. 353 - 373

MACHADO, P. P. **Lideranças do Contestado**. Campinas: Ed. Unicamp, 2004.

MARCON, T. Cultura e religiosidade: a influência dos monges do contestado. In: **A Guerra Santa Revisitada**. In: ESPIG, M. J.; MACHADO, P.P. (Orgs.) Florianópolis: Ed. Da UFSC, 2008. pp. 139 - 168

WELTER, T. **Encantado no meio do povo: A presença do profeta São João Maria em Santa Catarina**. São Bonifácio: Edições do Instituto Egon Schaden, 2018.

REDE CONTESTADO DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA 2

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 



REDE CONTESTADO DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA 2

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

